



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18075 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Diferença, interseccionalidade e culturas da infância: tessituras docentes sobre o racismo na educação infantil

Renata Carnauba de Sousa da Silva - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

## **DIFERENÇA, INTERSECCIONALIDADE E CULTURAS DA INFÂNCIA: TESSITURAS DOCENTES SOBRE O RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

### **1 MINHA REDE DE TEAR: COMO CHEGUEI ATÉ AQUI?**

As narrativas de minha história pessoal em consonância com a minha trajetória formativa são como as tessituras de uma rede. Os novelos de fios são como partes da história que se unem, entre urdiduras e tramas, nas vicissitudes do tear da vida. Agora consigo compreender que os entrelaçamentos da minha construção identitária em conjunto com as experiências da formação inicial no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana/BA, revelam os meus passos, e esclarecem como cheguei até o meu objeto de estudo.

E para discorrer sobre a manifestação de racismo no contexto da Educação Infantil, parto da premissa de que antes, é preciso trazer a discussão sobre identidade e diferença, interseccionalidade e culturas da infância. Sendo assim, apresento a questão central da pesquisa: Como as professoras percebem a manifestação de racismo nas relações entre as crianças da Educação Infantil? Tomo como objetivo geral: compreender como as professoras percebem a manifestação de racismo nas relações entre as crianças da Educação Infantil e os específicos: identificar a concepção de racismo das professoras; compreender quais as manifestações de racismo entre as crianças segundo as narrativas das professoras e perceber como as professoras lidam com as manifestações de racismo nas crianças.

### **2 REDE NO TEAR: OS PRIMEIROS PONTOS DA PESQUISA**

Na continuidade das tecituras dos primeiros pontos da minha rede, após o processo de urdir, é preciso colocar no tear os primeiros fios da construção do meu conhecimento. É o momento de apresentar o tipo de pesquisa e a abordagem escolhida, ou seja, o dispositivo da pesquisa qualitativa.

## **2.1 Tecendo o percurso metodológico: A pesquisa (auto)biográfica sob a influência do movimento de autoformação, heteroformação e a ecoformação**

De cunho qualitativo, a metodologia escolhida foi a narrativa (auto)biográfica. Sobre os motivos pelos quais optei por esta abordagem, apresento o elemento crucial para a escolha da metodologia: a pesquisa (auto)biográfica possibilita que eu mostre, que eu me coloque no texto, sem precisar falar na terceira pessoa, proporcionando uma autonomia intelectual que me valoriza como ser no mundo. Para além disso, o estudo segue inspirações da pesquisa narrativa, no entrecruzamento das narrativas de si com as dos outros. Também me deparo com referências epistemológicas aos quais me colocam dentro da pesquisa e que me faz encontrar um dos autores que a fundamentam, através da teoria tripolar de formação: autoformação, heteroformação e ecoformação (PINEAU, 1985). Neste sentido, percebo o atravessamento da minha experiência com o pensar narrativamente e é por intermédio da pesquisa narrativa como vertente do método (auto)biográfico que evoco as minhas histórias para trazer novos significados ao estudo. Sobre os dispositivos de pesquisa, elegi as entrevistas narrativas e o diário narrativo etnográfico.

A seguir, será descrito os movimentos da pesquisa: no primeiro movimento, realizei uma aproximação com o campo em um Centro Municipal de Educação Infantil no município de Feira de Santana - Bahia, para detalhar a pesquisa para a gestão e as colaboradoras. No segundo movimento, realizei também as entrevistas narrativas com as colaboradoras, professoras do quadro efetivo das turmas dos Grupos 4 e 5 em conjunto com os registros no diário narrativo etnográfico. E por fim, com dados das entrevistas e observações na instituição, perpasso pela etapa do tratamento das informações encontradas nas narrativas, nas articulações do movimento compreensivo-interpretativo.

## **2.2 No emaranhado dos pontos da rede: a fundamentação teórica**

Percebo também que a decisão de atrelar novos conhecimentos teóricos, possibilitará uma formação que produz um conhecimento insurgente e ao mesmo tempo, é um movimento de resistência dentro da academia. Inicialmente, já percebo que Silva (2007; 2016) é um dos estudiosos com importantes contribuições para esta teoria, mas não posso deixar de destacar outros autores relevantes para os Estudos Culturais, como Bhabha (2005), Woodward (2007), Hall (1998), Skliar (2003), Mota (2019). Nas tessituras da construção teórica, compreendo a necessidade de alicerçar a pesquisa com autores que corroboram com um conhecimento para uma transformação social, de uma criticidade que subverte a lógica do que está posto. Nessa perspectiva, apresento mais adiante Candau (2008; 2011) com aspectos de uma educação intercultural e sobre o respeito à diferença, une-se posteriormente à trama, um conceito fundamental para superar uma mera perspectiva de apelo à tolerância da diversidade a partir de questões que se entrecruzam nas tensões da sociedade: a interseccionalidade. Crenshaw (2002; 2004), Collins (2019; 2021) e Akotirene (2019) embasam a discussão sobre o tema. E sobre o racismo? Como a interseccionalidade explica o fenômeno para compreender os mecanismos sociais que operam para a manutenção desse tipo de violência na sociedade?

Para a autora, o conceito de interseccionalidade permite uma criticidade para entender a fluidez das identidades subalternas existentes nos preconceitos através das subordinações de gênero, de classe e de raça. Criticidade esta que consiste

em entender que ao equipararmos o racismo à gordofobia, desconsidera-se toda a luta de quatro mil anos contra o racismo (AKOTIRENE, 2019). Acredito que quando Akotirene (2019) denuncia a invisibilização do racismo para evidenciar outros marcadores sociais, anuncia também a sua indignação, para que não ignorem a contribuição dos negros para a formação sociocultural de um povo; de dores e cicatrizes históricas de um povo que resiste na luta por legislações e políticas públicas, que possam contemplar especialmente os corpos marginalizados e segregados, que precisam combater diariamente a violência brusca de colocar um vigilante para seguir os seus passos, de ter que retirar todos os pertences da sua bolsa para mostrar que realmente não os roubou, que cansa todos os dias de provar que ele/ela é o médico/a médica e não o faxineiro ou a empregada.

Na continuidade das tessituras, vislumbro a necessidade de inserir uma nova categoria teórica que discute Infância e Educação Infantil, porém ao mesmo tempo, através de um olhar crítico sobre infância e cultura. Deste modo, com base nos Estudos Culturais, acrescento um novo novelo à rede: Culturas da Infância em autores como Bujes (2002), Quinteiro (2005), Borba (2008) e Coelho (2019). E por que tratar a infância a partir do conceito de cultura? Para romper com uma ideia única e universal de infância, considerando a sua pluralidade, a sua diversidade, as diferentes infâncias vividas por nossas crianças contemporâneas (BORBA, 2008).

### **2.3 Resultados e discussões da pesquisa**

Apresento a seguir alguns resultados parciais da pesquisa pois esta, ainda se encontra na etapa de pós-recolhimento das narrativas, ou seja, no movimento de articulação das minhas narrativas, com as das colaboradoras, conjuntamente com a experiências do campo.

Ao começar a entrevista narrativa com a docente Maria Felipa, as crianças interrompem por algumas vezes. Os barulhos das conversas entre eles e os pedidos de ida ao banheiro são constantes e interferem na entrevista possibilitando somente que a docente pudesse narrar somente o primeiro eixo da pesquisa: como chegou até aqui se tornando professora da educação infantil, contando um pouco sobre o seu percurso de vida, formação e profissão:

Bom, eu iniciei o trabalho da Educação Infantil desde o concurso que eu fiz em Santo Amaro, porque até então eu só tinha experiência no Fundamental I, trabalhei também no Fundamental II, um período de dois anos, mas minha maior experiência era no Fundamental I....Então, assim, eu não tinha experiência, mas depois que eu passei a trabalhar na Educação Infantil, eu me apaixonei, me apaixonei pelo trabalho, tive que reinventar minhas práticas pedagógicas, porque até então é diferenciado, né? Tudo em todos os sentidos, planejamento, as vivências, e tudo, enfim. Então, para mim foi um trabalho prazeroso, porque eu tive que sentar, apesar de não ter, assim, uma participação efetiva, uma coordenação, entendeu? Mas eu busquei, tive que buscar, e nesse buscar eu fui refazendo minha prática pedagógica, ao longo do período de trabalho que eu estive lá na cidade de Santo Amaro, e aí eu me apaixonei mesmo. Então, assim, a Educação Infantil, para mim, trouxe um grande legado, né? No sentido de aprendizado, no sentido de vivenciar o dia-a-dia das crianças, no sentido de colaborar nesse desenvolvimento das competências, das habilidades que é necessário, que as crianças precisam ter.

Então, a gente precisa também reinventar esse trabalho, fazer um trabalho mais contextualizado, né? É fundamental. (Maria Felipa, entrevista narrativa, 2024)

A professora Maria Felipa ao narrar a sua trajetória relata as suas dificuldades ao se deparar no âmbito da Educação Infantil, já que ela teria mais experiência no Ensino Fundamental. Destacou também a sua necessidade de ir à busca de conhecimento, mesmo sem suporte da coordenação na época. E nesse processo de reinvenção, ela enfatiza também a exigência de um trabalho mais contextualizado com as crianças. Esse depoimento faz relação com o pensamento de hooks (2017):

O compromisso com a busca de conhecimento me deu força pra continuar assistindo às aulas [...] eu estava aos poucos me distanciando da educação. Em meio a esse distanciamento, encontrar Freire foi fundamental para a minha sobrevivência como estudante [...]. (hooks, 2017, p.30)

Contudo, no que diz respeito sobre a sua trajetória de vida-formação-profissão, percebo que ela não informa aspectos de sua vida, e os não-ditos também são extremamente importantes para compreender o porquê de não dizer elementos de sua história de vida. Será que em sua infância ela sofreu algum tipo de preconceito? Ou melhor dizendo, será que ela sofreu racismo? Como foi o seu convívio escolar com outras crianças?

Enfatizar a sua trajetória a partir de nossas vidas profissionais ou formativa é comum pois elementos de nossa vida pessoal muitas vezes podem ser dolorosos ou difíceis de se narrar, principalmente em contextos históricos-sociais adversos. Porém considero que foi bastante interessante principalmente quando durante a entrevista ela conta sobre o projeto sobre identidade que estavam trabalhando naquele semestre com as crianças.

Elas produziram o seu autorretrato: eu sou assim e observei a compreensão delas em relação à sua cor. Algumas pintaram seu rosto de marrom e outras se percebiam com cores como laranja, verde e rosa. O desenho ao qual me chamou a atenção foi de um menino que se auto retratou com cabelos amarelos e o rosto cheio de pontos pretos. E só para ratificar: na turma não há crianças loiras. A docente relatou que ela entende que crianças dessa faixa etária ainda não compreendem claramente questões acerca de sua cor.

Entre uma conversa e outra com a professora, reparo que ocorre uma cena ao qual me incomoda muito: o comportamento de uma criança do Grupo 5, especificamente um menino, que insistentemente bate em uma colega sua de turma e sem razão nenhuma. A docente intervém afastando a menina, contudo ele ainda sai do seu lugar e continua agredindo. A professora me disse que, constantemente, ela é um dos seus alvos preferidos. Observo e imediatamente vejo o atravessamento das questões de raça, gênero e classe entre o menino que bate e a menina que é o alvo.

Ao retornar me preocupo pois reflito que o campo talvez não revele as características do racismo, já que a própria professora considera não enxergá-lo entre as crianças da sua turma.

Ao fazer uso das entrevistas narrativas em conjunto com a produção do diário etnográfico, noto a construção de significados que se “trans-formarão” dentro deste processo. Passeggi (2011) infere que ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências, portanto ainda é só o começo de muitas ressignificações, de uma relação bilateral e ao mesmo tempo insurgente, a qual compreende os fenômenos da Educação a partir de suas próprias histórias de vida.

No dia 13 de junho, chego à escola depois de quase uma hora na estrada. O encontro de hoje será com as narrativas da docente do Grupo 4 Joana Angélica, que faz parte do quadro de professores do REDA, branca e tem cerca de cinco anos de experiência na Educação Infantil. Recordo-me com muita satisfação quando a encontrei pela primeira vez na escola no dia 03 de junho. Na sala da direção estavam as duas professoras, ela do Grupo 4 e a outra, do Grupo 5. Uma das coisas que mais me chamaram a atenção foi quando olhei para ela assim que estava lendo o TCLE (Termo de Compromisso Livre e Esclarecido), explicando sobre como seria a pesquisa, e enxerguei a sua reciprocidade estampada em seu rosto e principalmente, no seu olhar. Naquele instante senti o seu acolhimento!

As crianças de sua turma me receberam de forma calorosa e algumas vieram me abraçar. A professora também foi bastante receptiva comigo. Percebo a partir do seu olhar o quanto tem paixão pela docência apesar dos percalços da profissão.

Seguimos para a sua sala e deu-se início às suas narrativas com o eixo como chegou até aqui se tornando professora da educação infantil, contando um pouco sobre o seu percurso de vida, formação e profissão

Eu venho de uma família de professores, meu bisavô era, minha mãe, minha avó, tios, primos, e aí eu despertei esse interesse, porque eu vivenciava, eu participava das aulas com minha mãe, e aí quando eu concluí o ensino médio, eu decidi fazer pedagogia, fiz o curso, quando eu estava no curso, estagiei na rede pública apenas, concluindo o curso eu fui convidada para participar de um projeto que é promovido pela Secretaria de Educação, como mediadoras de um projeto que se chamava Mais Educação, que era com oficinas. Eu trabalhei com matemática, oficinas de matemática, e eram turmas variadas, não tinha uma turma específica não. Durante esse processo, apareceu o Reda, em 2017, eu fiz, passei, permaneci aqui, porque eu sou daqui da comunidade, e aí fiquei dois anos no Reda, como professora, saí, fui para a rede privada, só que eu não fui para a sala de aula. Concluindo, veio a pandemia, engravidei, casei, e fiquei em casa, concluindo esse processo, retornei de novo para a educação, através de um convite de uma escola privada, para trabalhar na Educação Infantil. Agora minha experiência de estágio também foi na Educação Infantil, e aí eu fui, fiquei durante um ano e meio nessa escola de rede privada, aqui em Feira, nesse processo fiz o Reda mais uma vez, passei e estou aqui novamente. (Joana Angélica, entrevista narrativa, 2024)

Na narrativa de Joana Angélica, a sua experiência de vida revela que sua escolha pela profissão docente tem relação com a sua história de vida, principalmente quando ela diz “venho de uma família de professores”. Outro ponto importante é percebido por seu desejo de permanecer na sua localidade, e além disso, ser professora no local ao qual ela nasceu. A sua decisão são sinais de seu

engajamento e compromisso com a sua comunidade.

O seu percurso de vida demonstra os elementos marcantes de sua trajetória, e que são determinantes para definir o seu lugar na sociedade: mulher, branca, de uma família de professores, casada, pedagoga e mãe. As intersecções a atravessam, conforme Akotirene (2019) trata:

A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades de somar identidades, analisa se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. (AKOTIRENE, 2019, p. 27)

Desse modo, pergunto: Será que a docente Joana Angélica não viesse de uma família de professores escolheria esta profissão? E o fato de se tornar mãe a fez em algum momento pensar em desistir de voltar à sala de aula? São questionamentos que faço pelo fato de também ser uma mulher, mãe e professora, e para além disso, conheço bem as alegrias e as dores das múltiplas intersecções às quais nos atravessam.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de serem resultados parciais da pesquisa, o campo revela que as primeiras respostas condizem com as novas configurações sociais, que ainda estão no âmbito do eixo percurso vida-formação-profissão das professoras. Enquanto a docente Maria Felipa traz o foco para a etapa profissão da tríade e enfatiza as experiências do contexto escolar sem apresentar elementos da sua história de vida, a docente Joana Angélica traz aspectos marcantes de sua vida pessoal, aos quais evidenciam a intersecções existentes e definem seu lugar na sociedade.

### REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BORBA, Angela Meyer. As culturas da infância no contexto da educação infantil. Reflexões sobre infância e cultura. Niterói, RJ: **Eduff**, p. 73-91, 2008.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v.13, n. 37, 2008.

- COELHO, Patrícia Júlia Souza. **Narrativas de crianças da Educação Infantil de escola rural multisseriada do Território do Sisal**. Salvador, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.
- CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: **Unifem**, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004.
- HALL, Stuart. **A questão da identidade cultural**, n. 18, 2ª ed., 1998.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo. Editora CRV, 2017.
- MOTA, Charles Maycon de Almeida. **Docência em classes multisseriadas: conhecimento de si, práticas pedagógicas e diferenças nas escolas da roça**. Curitiba: CRV, 2019.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011
- PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. **O método (auto)biográfico e a formação; Organizadores António Nóvoa, Matthias Finger. Trad. Maria Nóvoa**. - 2. ed. - Natal, RN: EDUFRN, 2014.
- QUINTEIRO, Jucirema. Infância e Educação no Brasil: Um campo de estudos em construção. DE FARIA, Ana Lúcia Goulart; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Autores Associados, 2022.
- SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Vozes, 7ª ed., 2007.
- SKLIAR, Carlos. **E se o outro não estivesse aí - notas para uma pedagogia (improvável) da diferença**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SOARES, FEITAL E MELO. Lutas antirracistas: a voz de meninas negras na Educação Infantil. GOMES, Nilma Lino; DE ARAÚJO, Marlene. **Infâncias negras: Vivências e lutas por uma vida justa**. Editora Vozes, 2023